

Arremedo de cordel

Herculano Alencar

Traição fatal

A lua, lambendo o céu,
cuspia luz na cidade,
descendo seu branco véu,
(o cinto de castidade)
sobre o teto de Cordeiro,
o maior dos fazendeiros
daquela localidade.

Um mar de felicidade
quebrava ondas no chão,
espalhando a claridade,
lá, dentro do coração,
daquele homem pacato,
que, de direito e de fato,
era um grande cidadão.

Dono da bela mansão
e de toda a cercania,
não escondia a paixão
por sinhá, dona Maria,
prometida em casamento
herdeira, por testamento,
de tudo que pertencia.

Ela tinha a serventia
de toda a propriedade:
cada cria que nascia,
era dona da metade.
Só bastava para tanto
viver vestida no manto
da santa fidelidade.

Por uma fatalidade,
na noite de São João,
apareceu na cidade
um valente garanhão:
um formoso cavalheiro,
que, pela voz e o cheiro,
era o anzol da traição.

Por ser de bom coração,
cordato e hospitaleiro
e não saber dizer não,
mesmo pra um forasteiro,
o moço foi convidado
e recepcionado,
na voz do próprio Cordeiro:

"Vá entrando, companheiro!"
E, com a mão estendida,
deixou-o entrar primeiro,
acompanhando em seguida.
Ofereceu honraria,
que até sinhá Maria,
ainda hoje duvida.

Serviu-lhe a melhor comida,
vinho tinto, parmesão...
a mesa mais guarnecida
e mais perto do salão.
Foi dele a primeira dança,
que inaugurou a festança
da noite de São João.

Passa fogueira e balão,
milho verde, vinho quente...
vai pamonha! mais quentão!...
Quando algo diferente,
no coração de Maria
(uma espécie de agonia)
aconteceu de repente.

Maria, que era crente,
rogou por todos os santo,
mordeu a língua no dente,
sentiu despir-se do manto
da santa fidelidade.
"Deus me tenha piedade!"
Pensou, enxugando o pranto.

Mas, para o seu acalanto,
Cordeiro apartou a dança;
Segurou Sinhá no canto,
pela mão da aliança:
"O que foi, minha princesa?!"
Maria teve a certeza
da sua desconfiança.

Já não era mais criança,
sabia o acontecido
e temia por vingança,
caso traísse o marido.
Mas tomara a decisão
de entregar seu coração
e seu íntimo gemido.

Falou, de modo fingido,
no ouvido de Cordeiro:
"Boa noite meu querido,
hoje vou dormir mais cedo.
Vou deixar a luz acesa,
(do abajur sobre a mesa)
pois sabes que tenho medo."

Beijou-lhe os lábios nos dedo
e recolheu-se na cama,
ainda ouvindo os folguedos
e o farfalhar das chamas.
Entregou-se ao abandono
e logo pregou no sono
seus olhos de bela dama.

Fazendo justiça à fama
de ser grande anfitrião,
Cordeiro só pôs pijama
no calar do lampião,
quando todos convidados
estavam acomodados
no conforto da mansão.

Sem chamar a atenção
do marido ou dos criados,
em completa escuridão,
(na busca do convidado)
saiu, Maria, ansiosa...
perfumada como rosa,
com seu desejo acordado.

la entregar-se ao amado,
sua paixão repentina.
Abriu a porta do lado...
(a intuição feminina
serviu-lhe de estrela guia)
enquanto a paixão batia
no seu pudor de menina.

Abriu um tanto a cortina
ao testemunho da lua:
a bela lua Junina,
que a poesia cultua!
Num instante de magia,
despiu-se, então, Maria,
deixando a beleza nua.

"Eis aqui... sou toda tua!"
(sussurrou ao travesseiro)
"Ofereço-me nua e crua
à fome do cavalheiro!"
Mas a traição foi malvada,
lá dormiam, de mãos dadas,
o garanhão e Cordeiro.

A filosofia em cordel (Dos monistas a Aristóteles)

No período pré-socrático,
Quando em pedra se escrevia,
Embora de modo arcaico
-Pois o papel num existia-
Nasceu a filosofia
No pensamento monista:
Primitivos cientistas,
Como Tales de Mileto,
Balançaram esqueletos
Dos mitos politeístas.

Precursor e avalista
Da ciência natural,
Sob seu ponto de vista,
A água é fundamental:
O elemento vital
De toda a mãe natureza!
Viveu na sua proeza
Até a morte chegar,
Se não sabia nadar,
Disso não tenho certeza!

Outro ser de mente acesa,
Um tal Pitágoras era:
Homem de boa cabeça
Muito adiante de sua era.
Fez "Música nas esferas",
Formulando um teorema.
Matemático da gema
Cria em reencarnação,
Já que a matéria é fração
E, ainda assim, bem pequena.

Heráclites, Parmênides,
Anaximandro, Zenão,
O ar de Anaxímenes
Com a alma no pulmão
Fez do espírito de então

Surgir o "Deus abençoe!",
Pra que a alma não voe
Deixando o corpo na mão.
Se fiz qualquer confusão,
Que o leitor me perdoe.

E por favor não caçoe
Dos versos de pé quebrado.
Escrevo aquilo que soe
-Para um homem letrado-
Um cordel estruturado
Dentro da literatura,
Por que a essas alturas
Eu já cheguei à idade
De informar a verdade
Para a geração futura.

Seguindo, pois, a leitura
Vou falar dos pluralistas:
Essas nobres criaturas
Que precederam os sofistas.
Empédocles, o analista,
Fez dos quatro elementos
(fogo, água, terra e vento)
As raízes da matéria,
Como o sangue nas artéria,
Da vida, os alimentos.

Uma dupla conhecida
Como "Duetto Atômico"
Fez da matéria partida
Um fragmento eletrônico.
Os dois eram antagônicos:
Demócrito, o risonho;
Leucipo, sério e tristonho,
com tanta sabedoria,
Aventaram, em teoria,
O invisível tamanho.

Deixaram seu patrimônio
Para a ciência hodierna,
Pois o átomo d'antanho,
-Uma grande descoberta-
Deixou uma porta aberta
Para outros cientistas
E outros pontos de vista
no progresso da ciência,
Aclarando a consciência
Pra descobrir novas pistas.

A seguir vêm os sofistas,
Camelôs de pensamento.

A versão capitalista
De dúbio comportamento.
Chegados num fingimento,
-Mercadores de ilusão-
Tinham sempre a solução,
A resposta convincente,
Pra todo tipo de gente,
Que lhe pagasse a sessão.

Protágoras foi o primeiro,
Depois Górgias, o niilista;
Pródico, tal qual banqueiro,
Cobrava consulta à vista.
Todos foram mui artistas
E mestres no retorismo;
Donos de muito cinismo
E enorme sabedoria,
Criaram a filosofia
Do insofismável sofismo.

Terminado o pluralismo,
-com a ética arbitrária-
O imoral relativismo
E sua lógica temerária
Foi parar na funerária.
Desta feita entrou em cena,
Na cidade de Atenas,
O filho duma parteira,
Uma "mosca-da-madeira"
Tão feio que dava pena.

Sua vida, um dilema!
"Um cavalheiro do ócio!"
Nunca pôs a mão na pena
Pois não era o seu negócio.
Também nunca teve sócio;
Vagava pela cidade
Ensinando a mocidade
A sua filosofia.
Fosse de noite ou de dia
Vivia atrás da verdade.

Não tinha muita vaidade!
Sócrates, um andarilho,
Nunca perdeu o brilho
Tampouco a dignidade.
Homem de grande humildade,
Não arrotava grandeza
Não perseguia a riqueza,
Apenas sabedoria;
A si mesmo conhecia,
Mas nunca dava certeza.

Julgado pela nobreza
Por crime de impiedade,
Fez sua autodefesa
Com enorme hombridade;
Sem faltar com a verdade,
Sem trair seu ideal,
Teve a pena capital
Sentenciado de morte.
Mas não maldisse da sorte
Na sua viagem astral.

Legou o seu cabedal
Pra futura geração
Até no mundo atual
Na corcunda de Platão,
Que manteve a tradição
Da sua filosofia,
Fundando a academia
Baseado em "A caverna",
Uma visão mais moderna
Do que mestre fazia.

A forma, Platão dizia,
é ideia estruturada.
Todo o resto é poesia,
Não contribui para nada.
Até parece piada!
Mas pela sua visão,
A arte era a prisão
Do mundo material;
Corrompia o ideal
Cegando a percepção.

Na "República de Platão",
Sua obra magistral,
Pelo sim e pelo não,
Etecetera e coisa e tal:
Uma classe social
Daria sustentação,
e todo o poder nas mãos
para o Filósofo-rei,
o qual, em nome da lei,
governaria a nação.

Tamanha contradição
Rezava sua utopia,
Que pobre e pobretão,
Nem estudar poderia.
E, pela sua utopia,
Na sociedade perfeita

A casta que era eleita,
Era Aristocracia.
Falar em democracia,
Até parece desfeita.

Depois que Platão se deita
No berço da eternidade,
Aristóteles dá receita
Da pontencialidade:
Evolução de verdade
Em busca da perfeição...
O universo em progressão...
A externa cosmogonia....
Patética filosofia
Seu desafio a Platão.

Na sua concepção:
A verdadeira amizade
Enobrece o cidadão
E traz a felicidade;
Era uma obscenidade
A prática vil da usura;
Julgava que a criatura
É um animal social;
Na política, afinal,
Foi um grande "linha dura".

PS:Baseado no livro de James Mannion:
"O livro Completo da Filosofia")

Pai de chiqueiro

O coronel Ludovico,
cidadão mui respeitado,
além de ser homem rico,
um solteiro cobiçado,
tem a fama de valente,
de matar cobra no dente
largando o couro espichado.

Nascido em Piripiri
quando ainda corrutela
das colheitas de pequi
e de pitomba amarela,
o coronel destemido,
dizem que foi parido
por uma moça donzela.

Uma cabocla tão bela,
tão faceira, tão formosa,
que foi pintada em tela

e recitada em prosa.
Era dona de um perfume
capaz de botar ciúme
na mais perfumada rosa.

Tinha feição animosa,
um corpo bem cinturado,
uma anca buliçosa
convidando ao pecado.
Assim fora Angelina,
que pariu, inda menina,
os beijos do namorado.

Seu rebento batizado
pelas mãos de Damião,
depois de ser consagrado
na primeira comunhão,
partiu pelo mundo afora
com Deus e Nossa Senhora
e se embrenhou no sertão.

Treinado por Lampião
nas artes da carabina,
peixeira, faca e facão,
e na paixão feminina...
Saiu de lá com patente,
feito segundo-tenente,
prá morar em Teresina.

Num casarão de esquina
assentou a moradia.
Muito conforto: Piscina,
adega e churrascaria...
Pé de manga, tamarindo...
local de fazer menino:
Sua maior valentia!

Fosse noite, fosse dia,
tinha sempre um xodó.
Moça bonita e sadia
não deixava uma só
sem visitar o seu leito
para provar do efeito
do caldo de mocotó.

Dançarino de forró,
xote, xaxado e baião,
nem tirava o paletó
pra fazer vadiação.
Alugava o sanfoneiro,
o zabumba e o pandeiro,
e dois terços do salão.

Pra num fazer confusão
com marido enciumado,
trazia no cinturão
um três oitão carregado.
Cabra metido a valente
saía de lá sem dente...
com caixão encomendado.

Pois, como diz o ditado,
agachou tem que rezar,
e um coronel respeitado
não se deixa intimidar...
Depois de feito o serviço,
agendava o compromisso
pra viúva ir consolar.

O fulano de Alencar,
Ludovico, pro cordel,
tem estória pra contar,
como qualquer coronel.
No nordeste brasileiro
é mais um pai de chiqueiro
cumpridor de seu papel.

Cordel dos 20 anos

Recife, rua da União,
vizinho de Manoel Bandeira,
o fluido de inspiração
que traguei a vida inteira,
impregnando o pulmão,
expectorando à maneira.

Vadio por vocação,
medicina por castigo,
o bisturi numa mão,
na outra, um samba antigo,
nas cordas do violão,
a saudade pede abrigo,
vai da rua da união
buscar o mais novo amigo.

E de lá pras cercanias
de Caruaru pra além,
usando das serventias
da minha gente de bem,
navego em todas as vias,
seja de carro ou de trem,
dormindo com as cotovias,

igual a um João ninguém.

Na cabeça, as vadias,
no bolso, nenhum vintém,
fui passando os meus dias,
planejando para além,
cantar noutra freguesia,
talvez no ano que vem,
desnudando a fantasia
que todo caboclo tem.

Então mudei de cidade,
foi quando o sol se acabou,
mas não a felicidade
de estar no trem do metrô
em alta velocidade,
por baixo dos bangalôs,
uma emoção de verdade,
São Paulo me incendiou.

Cá ganhei notoriedade
status de consultor,
e pra falar a verdade,
até com certo louvor,
um tanto assim de vaidade
de quem na vida lutou,
e um tantão de saudade,
pois esta não se acabou.

Recife, eis-me de novo,
uns vinte anos depois,
de volta à casca do ovo,
ao meu feijão com arroz,
embora um homem novo,
diferente do que foi,
mas inda gente do povo,
vaqueiro do mesmo boi.

Volto à rua da união,
radícula de poesia,
da semente de então,
que eu plantei algum dia,
onde brotou um vulcão,
que inunda a filosofia,
e explode em erupção,
cuspindo toda heresia,
vomitando de paixão,
como dos Anjos fazia:

O escarro, a constipação,
o pus, a hemorragia,
o furúnculo, o carneção,

supuram na hipocrisia,
drenagem da podridão,
que a flor da nata escondia,
as fezes em decantação,
no cérebro da burguesia,
e os vermes da tradição
brindando a oligarquia.

Trago à rua da união
este verso envelhecido,
a minha retratação
por não ter-me despedido,
um espasmo de inspiração
de um coração carcomido,
regado pela emoção,
pelo tempo bem curtido,
na adega da solidão,
e por Bandeira ungido.

Bandeira, Manoel Bandeira,
minha bandeira de luta,
mo sério ou na brincadeira
obedeço-te a batuta,
que eu viva a vida inteira,
seguirei sua conduta,
que eu morra de caganeira,
minha bosta estará enxuta,
pois a bosta brasileira,
tanto fede quanto é culta.

A bosta no bom sentido,
poético e literário,
refaz o elo perdido
no movimento anti-horário,
trazendo o que foi vivido,
emoldurando o cenário,
como um tolete esculpido
à mostra num relicário,
há vinte anos escondido:
Hoje faz aniversário.

PS: Discurso versejado para a festa
dos 20 anos de formatura da turma de
Medicina-1978, da Universidade Federal
de Pernambuco.

O caçadô de Vampiro

Foi tiro e queda, seu moço!
Os três caroço de chumbo,
todos três no mesmo rumo,

foi se alojá no pescoço.
A onça soltô um trôço
e gruniu de agonia.
Pela luz que me alumia!
Já vi cabra bom de tiro,
mas iguá ao Valdomiro,
nem os rei da monarquia.

Inda me alembro do dia:
Foi no primeiro de abril,
já quais nos ano dois mil,
lá do sertão da Bahia
-num alembro se chovia-
que o caçadô, Valdomiro,
o cabra a que me refiro,
partiu pro sul africano,
com seu matulão de pano,
caçá um bicho vampiro.

Num soltô um só suspiro
na hora das despedida.
Calçô as bota comprida,
as calça de casimiro
e partiu pro seu retiro:
Polvorinho na cintura,
carne seca, rapadura,
farinha d'agua, pimenta...
cabelo entupindo as venta:
A sua maió fartura!

Quem oiasse a criatura,
era de tê pesadêlo,
arrepia todo os pêlo
inté senti a gastura
de vê tamanha brabura
pindurada no espinhaço.
Sem dá mostra de cançaso,
sem um pingo de pavô,
Valdomiro, o caçadô,
nunca foi de tê cagaço.

Lá se foi, marcando passo,
cuma quem tá no quartel,
se aprumando no chapéu,
feito de papel almaço.
Se foi... o home de aço,
o nosso herói nordestino,
galopando, sol à pino,
em riba dum pangaré,
que niguém punhava fé,
fosse chegá no destino.

Deu um cheiro nos menino
e um arrocho na muié:
—Inté quande Deus quisé,
pelas graça do Divino;
Lembrança pro Zeferino,
pro Zé Ferro, pro Valdez,
pro capitão, pro turquês,
pras muié do Ateneu.
Tobém fica o meu adeus
pros amigo português.

Adispois de quase um mês,
já em terra africana,
bebeu dois litro de cana
quase tudo de uma vez.
Sem senti a embriaguez,
mode manter os sentido
e ascutá os ruído
das fera mais assassina,
deu início na rotina
e aguçô os ouvido.

Tirô, de couro curtido,
uma tirinha de sola
que dava nó na sacola
onde guardava escondido,
-herança dum falecido-
a munição empregada,
devidamente arrumada
nas caçada de espera
e a lazarina amarela
de coronha envernizada.

Deu-se início a caçada!
Só ele e sua corage
naquela mata selvage
atrás da fera encantada.
Vertia sangue a malvada,
era só o que sabia.
Mode ninguém conhecia,
que até falá dava mêdo.
O nome era um segrêdo
que o matagal escondia.

A primera valentia
veio logo e sem demora,
quande no nascê da aurora
uma medrosa cotia,
de assutada, corria

de uma vara de queixada.
Lazarina carregada
cuspiu pra tudo que é lado
e no lugá foi deixado
cinquenta tripa furada.

E a cotia, coitada!
De tanto agradecida
se ofereceu de comida,
sendo, é claro, injeitada.
Hoje ela tá vacinada
num zoológico da cidade,
provando a veracidade
deste fato acontecido.
Tivesse, a bicha, morrido,
iam chamá de covarde.

Dispois, um pouco mais tarde,
outra prova de bravura:
Um leão de meia altura
quis amostrá sua arte.
Ele, prevendo o desastre,
engoliu quatro caroço,
botô as mão no pescoço
e o cu no rumo do vento...
Ajustou o pensamento
pelo o tamanho do trôço

e arremeçô, sem esforço,
um peido tão fedorento
que o bicho lazarento,
que já num era tão moço,
ficou que nem carne e osso,
as banha se derreteu.
E tudo o que ele cumeu
nos longos ano de vida,
é uma estauta escupida,
que hoje enfeita o museu.

Outro dia amanheceu
pro valente caçadô!
O dia de mais calô,
dispois que o leão morreu.
Antes ele do que eu,
cuma se diz no ditado.
—Descanse em paz o coitado!
Matutava Valdomiro.
Dispois dum breve suspiro,
quande avistou um viado.

—"Tava tiquin assustado,
Como quem tivesse afim...

Oiô de longe pra mim,
cum jeito desconfiado;
ensaiô um rebolado
e fugiu em disparada,
mantendo a calda arriada
protegendo o orifício,
que, por obra de ofício,
deixou as pata cagada".

Atrás dele uma manada
de bicho rinoceronte,
cada um o mais gigante
c'as boca escancarada,
parecendo dá risada,
niguém sabe lá do quê;
Danou-se os pé a corrê
no rumo de valdomiro.
Só precisô dá um tiro
e oiá os bicho morrê.

Fizero por merecê
o chumbo do caçadô,
que ainda fez o favô
de num botá pra sofrê.
Eu digo a vocimicê,
que em outra ocasião,
talvez capasse os cunhão
antes da morte chegá,
pra enfiá no lugá,
donde escapa a digestão.

Agora... muita atenção!
Chegô a hora esperada...
Valdomiro e a caçada
sozinhos na escuridão...
As tripa de prontidão,
roncava que nem cuíca,
o cu assoprando a pica
com as reserva pum,
o gaz de seu dejejum:
Batata doce e canjica.

E foi tanta pulitrica
na espera do vampiro,
que, só mesmo Valdomiro,
cuma a estória publica,
pôde assiná a rubrica
pra dá autenticidade,
pois qualqué otoridade
que saiba hematofilia,
aceita, por serventia,
que tudo isso é verdade.

No céu, uma claridade!
É noite de lua cheia!
Vampiro esperando a seia...
E, ele, oportunidade...
Tinha um cheiro de maldade
espalhado pelo vento,
que a emoção do momento
parecia num tê fim
e até os mói de capim
serviam de documento.

Apareceu o sangrento!
Um estranho animal,
de boca na vertical
exibindo o seu talento.
No primeiro movimento,
Valdomiro, dominado,
jogô as arma de lado
e os dote de caçadô.
Seja esse bicho o que fô:
O caçadô foi caçado!

O fado e o xaxado brincando de roda

Nos tempo das caravela,
Das grande navegação,
A paisage era mais bela,
Num tinha devastação...
Veio, lá, de Portugal,
Um gajo remando a nau,
Sem encostá no timão.

Vinha três embarcação
Prás América Latrina:
A Santa, por tradição,
Era Maria, a divina,
Já que era imponente,
Acomodava mais gente,
Do a Pita e a Nina.

Aportaram em Therezina,
Capitá do Phiauy.
Se o mundo tem valgina
Niguém duvida é alí:
Terra quente, aconchegante,
Dá direito ao visitante
Fazê amô e xixi.

Da tribo dos Guarani

Receberam as boa-vinda:
Manga, pitomba e pequi,
Refresco de tamarina;
Chibé de faria puba
Rapé de fumo suruba
Prá povilhá nas narina...

E a famosa cajuína
Na cola de sapateiro,
Rica em toda vitamina,
Foi no sabô ou no cheiro,
E pra fechá o menu:
Costelinha de urubu
Na brasa do candinheiro.

Seu cabral foi o primeiro
A gozá das honraria
Do tempero brasileiro,
Que os oceano escondia.
Comeu tanta guloseima,
Que ainda hoje queima
O "ó" de disenteria.

Na nau de Santa Maria,
Toda a tripulação,
Achava graça, si ria,
Daquela situação:
O coitado do Cabral
Escrevendo à Portugal
Com merda em letra de mão.

Pero Vaz, o escrivão,
De boa caligrafia,
Passava à limpo os borrão,
Que seu Cabral escrevia,
Omitindo do relato,
É bem verdade, de fato,
O quanto a merda fedia.

Até que um certo dia,
No vinte dois de abril,
Cabral fincou a rodilha
Num caroço de abil,
Dando fim na caganeira.
Cas tripa fez a bandeira
Num tronco de pau-brasil.

Um cacique mui gentil
Deu a ele de presente,
Mais dois caroço de abil,
No caso de algo urgente.
Com o sorriso lusitano,

Passô o resto do ano
Sem precisá das semente.
la vivendo contente,
Fazendo as expedição,
Quando meio de repente,
Prá mais de mil tubarão,
Cada um o mais valente,
Cas boca cheia de dente,
Atacô a embarcação.

Com as cueca na mão,
Os valente marinheiro,
Marcharam para o porão,
Em busca de um banheiro.
Como manda a hierarquia,
A patente e a valentia,
Tinha que cagá primeiro,

O capitão timoneiro,
O grande navegadô,
Que no solo brasileiro
Primeiramente pisô:
Pedro Álvares Cabral,
Por ordem de portugal
Foi quem primeiro cagô.

Cuma fazia calô,
Deixô a porta entreaberta,
Prá amostrá seu valô,
Sua corage secreta;
Sem soltá um só gemido,
Tudo que havia comido,
Inté o bolo da festa,

Virô, no suó da testa,
Troféu por tanta corage.
Ninguém no mundo contesta,
E hoje, em sua homenage,
Construíram uma pousada,
Que cobra numa cagada
Mas do que na hospedage.

Prá num perdê a viage,
O turista brasileiro,
Que tá ali de passage
No rumo do estrangeiro,
Tem parada obrigatória,
Pro mode ouví a estória
Limpando o "ó" com dinheiro.

E, assim, o ano inteiro,
Gente do sul e o norte

De janeiro a janeiro...
Navio de grande porte,
Vem pulá o carnaval
Onde atracô seu cabral,
Gajo cagado de sorte.

PS: Este cordel é um carinho jocoso
a todos nós, os Luso-brasileiros.

O jegue misterioso

Todo dia de noitinha
nas banda de Jaicó,
se assunta a ladainha
do coveiro, Seu Jacó,
arrelatando um gemido,
tão triste, tão dilurido,
que inté o diabo tem dó.

__É coisa de dá arrepio
na alma de um cristão.
O cabra morre de frio
mesmo no alto verão.
Molha as calça de suó
ou uma coisa mais pió,
bota peso no calção.

__É pió que assombração
quande a lua tá minguante,
mais pió de que sermão
de pade muito falante;
e mais pió, meu amigo,
de que fleimão no imbigio
e chifre de mau amante.

Dá seguimento na estória
cum a fala de coveiro:

__Dou a mão à palmatória
dou cem conto em dinheiro,
prá qualqué cabra da peste
de norte-sul, leste-oeste,
que quizé sê o primeiro

cabra macho e distemido,
que em noite de pouca lua,
quande o sol tivé sumido,
nenhum vivente na rua,
entrá nesse cemitério
e descobrí o mistério,
e cuma é que ele atua.

Em não havendo resposta,
levantei a valentia:
__Tá aceita a sua aposta,
pois marque a hora e o dia,
que este cabra que vos fala
vai tá de cuia e de mala
junto a Vossa Senhoria.

E declinei o meu nome
que é pra niguém duvidá,
acrescido o sobre-nome:
__Herculano de Alencá.
Parido de Margarida,
minha mãe, a mais querida,
que alguém jamais pôde amá.

Por pai, o Seu Segisnando,
que atende por véio Sisa,
que inda tá no comando
ajudando a quem precisa.
Logo ao sê aposentado,
me enviou um recado,
que tá vivendo de brisa.

Dia e hora marcada,
cuma é dos compromisso,
metí os pé na estrada,
discreto e sem rebuliço;
cheguei inda madrugada
c'as roupa toda suada,
benzida por padim Ciço.

Me apresentei pro coveiro:
__Seu Jacó ói eu aqui!
Vá preparando o dinheiro,
pois cabra do Piauí
num foge de lobisome,
nem é de passá vexame
pro mode de um Saci.

O coveiro deu risada
com seu dente de marfim!
sua bôca escancarada
tinha bafo tão ruím,
que até já era assunto:
"Seu Jacó come defunto
como quem come pudim".

Marchemo pro cimitério,
Jacó na frente, eu atrás.

Ele cuspiendo impropério,
maldizia o satanás
e a mula sem cabeça,
e tudo o mais que pareça
com os vivente infernais.

Era quase luz da lua
quande chegamo ao destino;
poucos vivente na rua:
Dois cachorro e um felino.
Atravessemo o portão,
foi quande o meu coração
reclamou dos intestino.

Um vento frio de morte
bateu por riba de mim,
vindo do sul para o norte
cortando os mói de capim.
Me arrepiô os cabelo
e todo o resto dos pêlo,
inté as pedra do rim.

Foi quande ouví um grunido
cortando as iscuridão,
mais forte do que um latido,
mais fraco do que um truvão,
de fazê borrar as calça,
dançá frevo que nem valsa
e valsa que nem baião.

Procurei por Seu jacó,
que bateu em retirada
que nem cachorro cotó
dispois da calda cortada.
Do danado do coveiro,
nunca mais sentí o cheiro
e nem ouvi a risada.

E me largô lá sozinho
em completa solidão,
rodeado de vizinho
habitante de caixão.
Se pego o cabra da peste,
vai sê mais um cafegeste
que ia perdê os cunhão.

Mas cabra do Piauí
num intrega a rapadura,
é de matá sucurí
e mostrá as dentadura.
Vou cumprí meu desafio,

desde o fio ao pavão,
num vai sobrá sepultura.
E assim foi dito e feito:
Seguindo a intuição,
afinquei o pé direito
e botei o cu na mão,
só pra mantê garantia,
que com tanta valentia
num ía cagá no chão.

Me embrenhei pelas mata
sempre de orêia em pé.
Ouvi zuada de pata
de bicho de quatro pé
por detrás de um arbusto.
Refeito, dispois do susto,
fui expiá o que é.

Acredite meu cumpade,
num sô cabra de invenção.
Já vi batina de pade
correndo de assombração.
Mas eu nunca ví na vida,
visage tão parecida
com sacanage do cão:

Era um jegue adurmecido,
que tirava uma soneca
do lado dum falecido,
cunhecido por Seu Zeca;
O Seu Zeca do jumento.
Um cabra tão avarento,
que tinha pau na munheca.

Foi a chave do mistério
que eu dei conhecimento.
Pode levá tudo à sério,
nem precisa documento.
O gemido doloroso,
do causo misterioso,
era o ronco dum jumento!

Nóis os Virgulino

Lampião nasceu aceso,
Aluminhando o sertão,
Já com todos os adereço,
E co' a peixeira na mão,
O bofe do lado avesso,
Na bainha do facão,

Estipulou o seu preço,
Pro mode da inflação,
Anunciando o começo,
Da grande revolução.

O sertão mal dividido,
Como rezava o vigário,
Dava pro povo sofrido,
Um tiquinho do salário,
O cerumim do ouvido,
E o diploma de otário,
Pros coroné do partido,
As terra do inventário,
Todo capim produzido,
Nos dia do calendário.

Lampião julgava errado,
E agitou um reboliço,
Juntou uns gato pingado,
Foi falar com pade Ciço,
Apeou , ouviu calado,
Ao santo foi submisso,
Saiu de lá contentado,
Pronto pra dá o serviço,
Já que foi abençoado,
Sem ter de pagar por isso.

Se embrenhou no sertão,
Magote de cabra macho,
Com muita convicção,
Molejo no espinhaço,
Justiça nas oração,
A morte no seu encalço,
Jabá , farinha e feijão,
Rapadura em pedaço,
Cachaça perto da mão,
Pra quando sentir cansaço.

Uma tropa intinerante,
Desde o sertão pro agreste,
Que nem um judeu errante,
Seguiu o cabra da peste,
Um cavaleiro elegante,
Dono da roupa que veste,
Iniciou um levante,
De norte a sul, leste, oeste,
Cada lugar, uma amante,
Cada amante, um pivete.

Patente de capitão,
Como manda a hierarquia,
Na frente do pelotão,

Pra demonstrar valentia,
Lá estava lampião,
Na mira da oligarquia,
Chapéu de couro e gibão,
Que o sertanejo vestia,
E a plena convicção,
De que seu povo servia.

Um guerrilheiro valente!
Um bandido desalmado!
Opinião diferente,
Dividia os dois lado,
Pros ricos não era gente,
Pros pobres era louvado,
Pros coroné e os parente,
Seu facão era afiado,
Pro povo dito, inocente,
Farinha e capote assado.

Foi assim a vida inteira,
Como inté hoje em dia,
Tem fã clube de carteira,
E a raiva da burguesia,
No cinema, tem cadeira,
E esgota a bilheteria,
Na história brasileira,
É folclore ou fantasia,
E o sangue da peixeira
É sua biografia.

Virgulino, o lampião,
Um Lênin tupiniquin,
Não era nenhum ladrão,
Assaltante ou coisa assim,
Era um homem de ação,
Que lutou até o fim,
Embora na contra-mão,
Batendo em gente ruim,
Era de bom coração,
Porém de curto estopim.

Cangaceiro socialista,
Sem utopia e sem nada,
Guerrilheiro estrategista,
Jogava as carta marcada,
Contra os cabra vigarista,
Das mansão encastelada,
Os verdadeiro avalista,
Da pobreza enraizada,
Crescente a perder de vista,
Mesmo pra vista aguçada.

A pobreza que assola,
O Brasil da maioria,
Que vive pedindo esmola,
Que apanha quando arrelia,
Que os coroné inda enrola,
Prometendo melhoria:
Os moleque na escola,
Condução e moradia,
E muito pão na sacola,
Pra acabar com a bóia fria.

Mesma conversa fiada,
Dos tempos de lampião,
Da mesma coronelada,
Que se apossou da nação,
E que vive aquartelada,
Nas mais moderna mansão,
Ou nas igreja lotada,
Fingindo suas oração,
E comendo a marmelada,
Temperada na a eleição.

Oxente, meu companheiro,
Me dê cá a sua atenção,
Pois nós tudo é cangaceiro,
A gente querendo ou não,
Pois o Brasil brasileiro,
É o Brasil de lampião,
Do povo, que sem o dinheiro,
Trabalha na construção,
Da riqueza que o estrangeiro,
Arremata nos leilão.

Vamos vestir o chapéu,
Roupa de couro e gibão,
Pois nada cai lá do céu,
Tem que ter revolução,
Pra tomar dos coronel
A nossa devolução,
É o nosso voto de fé,
Na fé da nossa união,
Nós vamos morrer de pé
Como morreu lampião.

O flato do "crioulo doido".

Um flato descontraído
saiu um dia, a passeio,
usando o perfume alheio,
doutro flato, mais fedido,
pra passar despercebido

num banheiro de granfino.
Por ser flato de menino
era muito brincalhão:
fingia ser um trovão,
num temporal intestino.

—Sou um flato genuíno!
Exclamava, orgulhoso.
—Vivo em estado gasoso,
sulfuroso e cristalino.
Por ser flato de menino,
como é da tradição,
ninguém prestava atenção
fosse pro som ou pro cheiro...
Ele seguia, faceiro,
bufando de mão em mão.

la soprando um refrão:
—Pum-purum-purum-pum-pum...
quem quiser cheirar mais um,
pra arejar o pulmão,
chegue pra cá meu irmão,
pois sou flato genuíno,
nascido do amor divino
do arroz pelo feijão:
a mais antiga união
que frequenta o intestino.

Por um azar do destino
começou um rebuliço,
—Valei-me meu pade Ciço!
Diz um flato nordestino.
—Aqui tem flato mentindo,
com cheiro falsificado.
Eu ando desconfiado
que nem é flato de gente,
tem um cheiro diferente,
mas posso tá enganado!

O flato, contrariado,
foi saindo de mansinho,
bufando pelo caminho,
ansioso e avexado,
todo o gás acumulado
nos poucos anos de vida.
No tempero da comida
a sua filosofia,
pois quanto menos comia,
mais a bufa era fedida.

Inda hoje tem quem diga
que a estória desse flato

é, de verdade e de fato,
uma versão muita antiga
da pendenga da lombriga
com um tal Jeca Tatu,
que expulsou pelo cu
num jato de flatulência,
com ajuda da ciência,
enorme jiboiçu.

O nosso Jeca Tatu,
que sempre fora pacato,
levou Monteiro Lobato
nas asas de um urubu.
A lombriga-guabiru
se embrenhou pelo mato,
levando, por desacato,
o flato deste cordel.
Lobato foi para o céu
e Jeca virou beato.

Como não sou literato,
contei, à minha maneira,
uma estória brasileira
que é o nosso retrato.
Peço desculpa aos novatos
por este cordel mal feito,
mas é que dói no meu peito
os Jecas de hoje em dia
que compõem a maioria
dos que peidam sem direito.

Se um dia eu for eleito
pra governar o Brasil,
mando à puta-que-pariu
(se não houver outro jeito)
de senador a prefeito,
vereador, deputado...
E como diz o ditado:
tanto bate até que fura
nossa geração futura
há de peidar ao meu lado.

Cabra macho

Vou contá uma estória,
muito tempo sucedida,
lá nas brenha de Pretória,
cidadezinha esquecida,
onde o vento faz a curva,
o sol tem reima c'a chuva,

e o carcará é comida.

Pois foi lá que sucedeu,
lá nos idos de quarenta,
que um tal de Zébedeu,
soltô fogo pelas venta
e fumaça por de trás,
e dixeu que era capaz
de lambê pé de pimenta

e fôia de cansação
cum urtiga de vaqueiro;
pegá cobra com a mão,
comprá pinga sem dinheiro,
se impanziná de feijão
e depois soltá rojão,
sem niguém sentí o cheiro.

Êita que cabra zangado!
Fobava mil valentia:
Mais de dez tinha capado
só d'uma noite pro dia;
Emprenhô tanta barriga,
que nenhuma rapariga
ficou de pança vazia.

Dos marido, tinha dó,
tanta era a sua beleza,
que foi herdada da vó
muié de muitcha nobreza.
Quande êle aparecia,
as muié tudo se abria,
feito galinha na mesa!

De contá suas vantage,
num parava por aí...
Adispois de vadiage
no sertão do Piauí,
comeu pequi com caroço,
e quando soltou o trôço,
matô dois peba e um quatí.

Diz que nadô rio arriba,
nas água do Maranhão;
passô pela Paraíba
numa braçada de mão,
penetrô nos oceano...
Tiquinho mais de um ano,
tava pra lá do Japão;

Foi na briga, nem se fala!
Tem uma mira certêra.

Faz dez buraco de bala,
sem tirá da cartuchêra.
Cabôco metido à macho,
acaba perdendo os cacho
nos gome de sua peixêra.

Tombém solta cangapé,
bofete e rabo de arraia,
e se alguém ficá de pé,
antes que o cabra caia,
pinta os beicho de vermêio,
raspa tudo que pentêio,
inda obriga a vestí saia.

Cabra de pesca e de caça,
de anzol e bacamarte,
num tinha conta das taça
que já ganhou nessa arte;
Fisgô inté tubarão,
puxado à linha mão...
serviu o bicho à la carte.

Na caçada de espera
usava rede de imbirá,
acertava qualqué fera
sem precisá fazê mira;
Inté cobra cascavel
o home mandô pro céu,
feito sandáia de tira

Quande tinha jogatina,
fosse carta ou tabuleiro,
nos bordel de Teresina,
ou no Rio de Janeiro,
ele levava à falência,
desde a mais alta gerência,
às puta dos marinheiro.

Mas tombém era escolado,
falava língua estrangêra.
Cantava e dançava o fado;
fosse tango ou gafiêra,
bolero, samba ou balé,
usava as ponta do pé
sem se importà cás friêra.

Inté discurso, dançô,
dia antes de eleição;
seu candidato ganhô
sem fazê corrupção;
c'os voto de diantêra
elegeu a raça intêra

inté muié dos irmão.

Poeta de muitcho estilo,
só fazia rima rica,
rimando isso e aquilo...
Era tanta pulitrica...
Que os home da bienal,
chegaró inté passá mal,
mode pegá a rubrica.

Mas cuma todo Sansão
tem lá as sua fraqueza...
Pois né que o fío do cão,
de tanto arrotá grandeza,
foi cumê pé de tatu,
com rabo de catitu,
nas banda de Fortaleza;

a cumida era reimosa,
e tinha lá seus efeito:
Espinho virava rosa,
macho criava trejeito;
tombém dava caganêra,
discunjutava as cadêra
vertia leite dos peito.

Coitado do Zébedeu,
cumeçô a falá fino,
os dicumento enculheu,
que nem cuião de minino.
Inventô um rebolado,
vestiu vestido cintado,
mudêlo bem fimino.

Se arrefeceu da macheza,
sua munheca caiu...
Já num tem tanta certeza
se foi parido, ou pariu.
Hoje veve nas esquina,
diz que tem peito e valgina,
e comichão no xibiu.

Se no final dessa estória,
alguém não se convenceu,
existe um trem pra Pretória
que sai lá do Ateneu.
Quem quisé cumê tatu
cum rabo de catitu,
Vá atrás do Zébedeu!

E Seja crente ou ateu,
muçulmano, ou cristão;

seja budista ou judeu,
de qualqué religião...
vai incontrá no caminho
um tal de Jusé Ferrinho
contando outra versão.

Dom Fiúza e Zé Limeira animando o céu

Hoje tem festa no céu,
É dia santificado,
Daniel foi convidado,
Representando o cordel.
Venenoso, o cascavel,
Desatou na cantoria,
Saudou Jesus e Maria
Em nome de Zé Limeira,
Destilando a noite inteira
Seu veneno em homilia.

Versejou com maestria
Seus versos cadenciados,
Pediú perdão dos pecados,
Com tanta sabedoria,
Que ganhou de cortesia
Do santo frei Damião,
Uma cota de perdão
Pro pecado da cobiça,
E a dispensa da missa
Muito antes do sermão.

Como reza a tradição,
Também foi abençoado,
E recebeu atestado
De vacina contra o cão;
Diploma de bom cristão,
Com adendo meritório;
Dispensa do purgatório,
Se sofrer morte morrida,
Madeira de lei curtida,
Para o caixão do velório.

Terminado o ofertório,
Fiúza entrou na folia.
Agarrou santa Sofia...
Ajustou o suspensório...
Conferiu o repertório
De Azulão a Zé limeira:
Só cantador de primeira,
A nata do improviso,
Salvo melhor juízo,
Da cultura brasileira.

Como era sexta-feira
O céu ficava lotado,
Arcanjo pra todo lado,
Beatas muito faceiras,
Fiuza e Zé Limeira
Se agarraram no repente:
Soltaram a língua nos dentes,
E as unhas na viola.
Beatas gastavam a sola
Dançando a dança do ventre.

Êta! Dupla competente!
Êta! Cordel afinado!
Respeitoso, complacente,
Mas de versos afiados,
Sem sequer um pé quebrado
Pra num perder o compasso.
Entre bofete e abraço,
Melaço, mel e pimenta,
Labareda e água benta,
Não curvaram o espinhaço.

Quando um jogava o laço
O outro apertava o nó,
Nenhum mostrava cansaço,
Nem do outro tinha dó...
Dois garnisés, carijós,
Cada um mais destemido,
Catavam em lá sustenido
Com acorde em mi bemol,
Usando a clave de sol
Pra aguçar os ouvidos.

Os anjos, tão comovidos,
Aplaudiam os repentistas,
Meio à meio, divididos,
Pra cada um dos artistas.
Já pro grande avalista,
Que é o dono do céu,
Foi reservado o papel
De ser juiz da peleja.
Que Deus do céu se proteja
Dos poetas de cordel!

Zé Limeira e Daniel,
Ambos foram abençoados,
E ganharam de troféu,
Perdão de todos os pecados,
Além de condecorados
Embaixadores divinos

Para assuntos celestinos
Junto ao reino do céu:
Pê-agá-dê em cordel,
pra menestrel nordestino.

Deus descascou o pepino
Com divina sapiência:
Juntou padre com rabino
Numa breve audiência;
Assuntou com paciência
Cada uma opinião,
E pelo sim, pelo não,
Com sua mão brasileira,
Deu pra Fiuza e Limeira
Diploma de campeão.

O Universo numa casca de bacurí

Desde onze anos atrás
nos calô de Teresina,
tá escrito nos jornais
da América latina:
Nasceu Xandin de Alencá,
um curumim exemplá,
nas terra da cajuína.

Já nasceu fazendo estória
de afamada inteligência;
uma mente meritória,
desafiando a ciência,
foi nascê no Piauí,
com o maior dos QI
que o guines faz referência.

Primeiro dia de vida
e já falava alemão...
e prá calá quem duvida,
escreveu, c'as duas mão
uma carta em latim
e a outra em mandarim,
mode fazê tradução.

Era bom no aramaico,
catalão e esperanto;
corrigia em hebraico
as fôia do livro santo;
inté na língua de mudo
ele falava de tudo,
o moleque era um espanto!

Antes do primeiro mês

já se pôs a gatinhá,
que nem gato picinez,
antes do bicho engordá.
Gatinhava tão ligeiro,
que de dezembro a janeiro
já começou a andá.

No primeiro aniversário,
primeiro ano de vida,
já ensinava ao vigário
sua reza preferida.
No dia do batizado
perdoou todos pecado,
inté da vó Margarida.

Pulou o jardim da infância,
e tombém o pré-primário,
sem magá da ignorância
dos aluno refratário,
prá quem fazia questão,
sem cobrá nenhum tostão,
de ensiná o abcedário

Inté mesmo os professô
ele passava um quinal!
O que é de se supô,
pois a mente genial,
tirava raiz quadrada,
e razão aproximada
de desenho espacial.

Hoje aos quase doze ano
de vida no Piauí,
segundo o véi Segisnando,
que é o avô do Sací:
“Ele faz experiência,
pro progresso da ciência,
na casca dum bacurí.

O político peneirado

Êta caboclo sabido,
Sujeito de prosa boa,
Cochicha no pé do ouvido,
Abre a boca e ri à toa,
Tem vez que solta um gemido,
Parece outra pessoa,
Tem hora que é comedido,
Outras horas ele voa,
Mas nuca fica perdido,
Tá sempre remando a proa.

Eis aqui o homem inteiro,
Que o cordel vai peneirar,
Tampe o nariz para o cheiro,
Que a coisa pode azedar,
Apague o seu candeeiro,
Que é pra não ter de enxergar,
Abra a porta do banheiro,
Se a barriga reclamar,
Tenha à mão algum dinheiro,
Que ainda vai ter de pagar.

Depois de bem peneirado,
E o cabra virar farinha,
São fezes pra todo lado,
Feito purê de abobrinha,
Pois um ânus educado,
Respeita a prega rainha,
Vem em pacote fechado,
Não é cocô de galinha,
É tudo bem programado,
Tudo bem dentro da linha.

Passou a massa cinzenta,
Peneirou-se o pensamento,
Seu moço, niguém aguenta,
O fedor que vai pro vento,
Arde os buracos da venta,
Faz o escarro purulento,
Dá uma tosse golfenta,
Que arremessa excremento,
A coisa mais fedorenta,
Que história tem documento.

Pura bosta de neurônio,
Curtida na endorfina,
Faz a camada de ozônio,
Necessitar de faxina,
Pois serviu pro matrimônio,
Do sujo com a fedentina,
Feito o Arruda e o Antônio,
Uma parelha cretina,
Do satanás com demônio,
Pra tomar conta da mina.

A mina e o seu tesouro,
O ideal democrático,
Fechada à chave de ouro,
Com segredo enigmático,
Que era pra ser duradouro,
Com protetor automático,

Caiu que nem cabelouro,
De animal subaquático,
Ou outro bicho de couro,
Que fica mole e apático.

A peneira do cordel,
É na verdade, a moral,
E está cumprindo um papel,
Que lhe é essencial,
Incorporar o menestrel,
No cenário nacional,
Pra derramar o seu fel,
E o unguento cerebral,
Também um pouco de mel,
No caldeirão federal.

Um mel de aroma floral,
Pra dissipar o mau cheiro,
Que o congresso atual,
E seu odor costumeiro,
Infestou no seu quintal,
Fez do país um bueiro,
Desde o planalto central,
Cobrindo o Brasil inteiro,
Com a bênção do capital,
Da lavagem de dinheiro.

O turkin reinventado (cordel de homenagem)

Antes do Cristo nascer,
pouco mais de três milanos,
nem tinha paraibano
pra cearense "morder"...
Começou a florescer
um povo, dito, sem vícios,
que veio a ser os Fenícios
nascidos dos Cananeus:
Magote filho de Deus,
tiveram vida difícil!

Este povo deu início,
como reza na história,
uma luta meritória
e de muito sacrifício,
pra dá conta do ofício
de construir sua nação:
Sofreram a escravidão,
domínio grego e romano,
de francês e otomano
de César a Napoleão.

Apesar da humilhação
de um povo dominado,
seu douto professorado,
homens de grande instrução,
criaram a concepção
do código justiniano,
que depois de muitos anos
de aperfeiçoamento,
assentou os fundamentos
das leis do povo romano.

Deste céu mediterrâneo,
fronteiriço de Israel,
um famoso menestrel,
sujeito de muito crânio;
Um feliz contemporâneo
de Nabucodonosor,
para o Brasil imigrou,
se assentou em Araxá,
vivendo feito um paxá
que dona Beija, beijou.

Dizem que foi ouvidor
do rei, em todo o reinado,
que caiu, enamorado,
por Beija se apaixonou.
Com ela não se casou,
pois tinha a sua princesa.
Com a bela libanesa,
a primeira namorada,
viveu um conto de fada
de muito amor e riqueza.

De tamanha boniteza,
foram nascendo os rebentos,
que herdaram os talentos,
honestidade e nobreza,
inda de sobra, a destreza,
e um tino infernal;
Um pouco de capital
para montar o negócio.
Pai e filho foram sócios
na área comercial.

O filho: Tannús, Faiçal,
era o contabilista,
professor, malabarista,
etcetera e coisa e tal.
Cozinheiro, sem igual!
De vatapá a chucrute,
pra num falar do Beirute,
sua especialidade,

faz, com muita qualidade,
queijo mineiro e quitute.
Seu moço, ocê me escute!
Como diz o bom mineiro.
O cabra ganha dinheiro
até fazendo vermute.
Calculado, assim, no chute,
que só em ouro maciço
deixou num banco Suíço
quase uma tonelada.
Tudo em barra marcada,
que pra ninguém dá sumiço.

Cê pensa que é só isso?
Inda por cima é artista...
É um grande cordelista,
desses de veio castiço,
de dá conta do serviço
do começo até o fim.
Até mesmo Seu Ferrin,
o maior adversário,
cordelista sanguinário,
com ele, come capim,

É mesmo um espadachim
o nosso grande Faiçal,
curtido na água e sal,
pras musas é um jasmim.
Poeta tupiniquim,
vive, na sua redoma,
com tudo aquilo que ama,
inclusive o vil metal.
Mas seu maior capital
tá no coração de Roma.*

PS: *Roma é o nome da esposa
do Turkin

Encontro real de amigos virtuais na Bienal do livro.

Encerrei o expediente,
Logo após o meio dia,
Pois não contive a alegria
No coração e na mente.
Iria ver muita gente,
Que transbordava em carinho.
Me pus os pés no caminho
Em rumo da Bienal...
Capaz de até passar mal,
Se estivesse sozinho.

Maria e o seu carinho,
Estava junto comigo.
Seus braços, os dois abrigos,
Seu coração, o meu ninho...
Mas teve, também, o vinho
E uma dose de cachaça,
Pra relaxar a carcaça,
Além da ansiedade.
Pra não faltar com a verdade:
Perdi a conta das taças...

Parei o carro na praça,
Embarcamos num trezinho,
Que completava o caminho
E era, também, de graça.
Lá foi, soltando fumaça,
Até o portão principal.
Entramos na Bienal,
Eu e a minha Maria,
Respirando a poesia
Daquela ar cultural.

Avistei um bacanal
De gente muito elegante,
Se apinhando num stand,
Na minha diagonal.
Pensei comigo: Afinal!
Agora vou conhecê-los!
Dei um olhar nos cabelos,
No semblante de Maria,
Que radiava alegria
Pelos seus lábios vermelhos.

Já pude reconhecê-los
A uma meia distância,
Pelas suas elegâncias,
pelo branco dos cabelos:
Eram Ferrim e Valdez
Ao lado do Capitão,
Todos de copo na mão
Numa conversa animada.
As musas dando risada
Sem prestar muita atenção.

Lu, Lí, Fá., Anja e Kika,
Que chegou logo em seguida.
Lete, a desaparecida,
veio tarde, ressentida,
acabou de bem com a vida.
Por detrás de um divã,
Toda a calma do Nathan
Contrastava o ambiente;

Com seu ar inteligente,
Autografando pros fãs.
Todos: Irmãos e irmãs,
Num encontro fraternal,
Comemorando, afinal,
A amizade do amanhã:
O corpo são, mente sã,
Com se diz no ditado.
Todos juntos, lado à lado,
Brindamos com muita graça,
Até o fim da cachaça
Que Valdez tinha guardado.

O almoço, reservado,
Num tal "VIP" restaurante,
Um bandejão elegante
Metido a sofisticado:
Garçom de terno arrumado,
Gravatinha borboleta,
Desses que traz a caneta
E a comanda na mão,
Que dá maior atenção
Quanto maior a gorjeta...

Foi uma tarde perfeita!
Muito riso, gargalhada...
Muita conversa fiada...
A comidinha mal feita,
Que ninguém quis a receita,
Não estragou o almoço.
Apesar de muito insosso,
O cardápio principal:
Da penosa, água e sal,
Num sobrou nem mesmo osso.

Um garçom, ainda moço,
Serviu o vinho e a cerveja
Também trouxe na bandeja
O suco artificial,
E com a cara de pau,
Rasgou enorme elogio,
Pois o dono era seu tio,
O mestre cuca, seu mano;
Família de carcamanos
Chegada a pouco do Rio.

Depois de dois assobios,
Chegou o seu ajudante:
Um nordestino falante,
Desses de dá arrepio...
Veio falando macio
Pra explicar a despesa.

Cobrou até pela mesa
E o aluguel do salão...
Pela cara de ladrão
Deve ser de Fortaleza!

Brincadeira de cordel para dois amigos poetas

Raferty, meu novo amigo,
Codinome Vagalume,
Sujeito que se presume
Não ter o rei no umbigo,
Hoje divido contigo
Estes versos de cordel,
Como se fosse um troféu,
Erguido pela amizade,
Que vai crescer na idade
Até o portão do céu.

Este pobre mens\estrel,
Apelidado de cula,
Primo distante de mula,
Cordelista de aluguel,
Vai colocar no papel,
Com ferrenha emoção
E entregar pro irmão,
Em verso de pé quebrado,
Todo carinho guardado,
Que coube no coração.

Portanto preste atenção
Na rima metrificada.
Tem que ser cadenciada,
Como manda a tradição
Da caatinga e do sertão:
O quarto com o primeiro,
Segue o segundo e o terceiro,
E volta a rimar no quinto.
Pra demonstrar que não minto,
Faço cordel brasileiro.

Seis com sete e o derradeiro,
O oitavo com o nono...
Cada verso tem um dono
Um amante, um parceiro...
Ornando o cordel certoiro
Da escrita nordestina,
Que nem piu-piu e vagina
Concebendo um ser humano.
Enquanto seu Herculano
Aprende mais que ensina.

Caboclo de Teresina,
Capital do Piauí,
Muito amigo da Lili,
Poetisa cristalina,
Trago dentro da retina
As águas do Parnaíba,
O sol olhando de riba,
Jogando raios no chão;
Minha mãe em oração
E eu encurvando a giba.

Com o bucho de lombriga,
Os pés sobre a terra quente,
Cavaco no vão dos dentes,
Munheca pronta pra briga.
Nunca gostei de intriga,
Nunca tive preconceito;
Fosse canhoto ou direito,
Gravatado ou pé no chão;
Fosse xoxota ou colhão
Merecia o meu respeito.

Hoje que sou homem feito,
Fiquei metido a poeta.
Minha musa predileta,
Que trago dentro do peito,
Dorme comigo no leito
Há vinte anos ou mais,
Sem demonstrar os sinais
De cansaço ou de desgosto.
Há anos, em todo agosto,
Faz-me lembrar que sou pai.

E que me ouça Adonai
O cordel que fiz pra ti,
Que foi também pra Lili,
Os dois poetas atuais,
Que vão entrar nos anais
Aqui do nosso recanto:
Raferty vai virar santo
Tendo Lili por madrinha
Rezarão salve-rainha
E credo por todo canto.

E para meu acalanto
Vão fazer este cordel,
Abrir as portas do céu
E entoar o meu canto.
Vou ficando, por enquanto,
Com a fama de ateu,

Ora rezando pra deus
E ora pra sataná,
Descascando o ananás
Que a padre Ciço colheu.

Cacos da história em cordel.

Imigrante libanês
Dos tempos de antigamente
Veio ensinar pra gente
O idioma malufês.
Muito elegante e cortês,
Cordato e hospitaleiro,
Sua paixão por dinheiro
Era tão descomunal,
Que o tesouro nacional
Aprendeu falar ligeiro.

Menino, foi escoteiro:
Sempre alerta! Sempre alerta!
Deixava a braguilha aberta
Pra poder mijar primeiro;
O seu mijo tinha um cheiro
Tão ativo e fedorento
Que contaminava o vento,
Até gambá se escondia;
Este cheiro é, hoje em dia,
Perfume de parlamento.

Para seu conhecimento,
Meu caro amigo leitor,
Houve até um senador,
Que criou um lançamento:
"Cocô chanel de detento
De fragrância original".
Fez publicar no jornal,
Lançou nas lojas daslu
Como colônia de cu,
Pra ser usada no pau.

Lançamento nacional!
Até vendeu a patente
Pro futuro presidente,
Que seria um general;
Um baixinho de Sobral
Ou de lá das cercanias,
Que lhe deu por garantia
E sinal de gratidão,
Armamento e concessão
Pra vender democracia.

Tudo isto à revelia
Dos protestos da nação.
O povo dizendo, Não!
E a ditadura crescia:
Quartelada de vigia,
Soldado a perder de vista
Calando a voz de artista.
Só tanque e metralhadora
Protegendo a "Redentora"
Da "sanha dos comunistas".

O libanês avalista
Decolou sua carreira
Na ARENA brasileira,
Como grande articulista,
Comprando e pagando à vista
Pela metade do preço.
Assim foi rezando o terço
Na cartilha milenar,
Deixando conta à pagar
Sem fornecer endereço.

Isso foi só o começo
Duma longa trajetória;
A que entrou pra história
Depois que saiu do berço.
Mas teve lá seu avesso,
A contra revolução;
A luta do cidadão
Pra sair da ditadura,
Doença quase sem cura,
Que tortura o coração.

O país na contramão
Resistia com afinco,
Mas chegou o A.I cinco,
Fez calar o cidadão:
Mais censura, repressão,
Araponga, delator,
Vendilhão, bajulador...
Qualquer tipo de sabido,
De pronto foi promovido
Prefeito ou governador.

Mas afinal, meu senhor,
Digo, a bem da verdade,
Com toda sinceridade,
Que alguém possa dispor,
Que o antigo fedor
Do xixi de escoteiro
Hoje tá botando cheiro
Na polícia federal,

Comendo o comercial
Do zé-povin brasileiro.

Seu malufês costumeiro
Virou língua oficial
Lá no planalto central
E também no estrangeiro.
No linguajar do dinheiro,
A principal tradução,
Só a palavra, milhão,
Tem regra gramatical.
Só mesmo quem fala mal
Pode falar em tostão.

PHD em lorota

O calô tava infernal,
era um domingo de sol,
no meu café matinal
eu ouvia os rouxinol,
dando umas talagada
numa lourinha gelada,
umas brama da iscol,

quande vi pela janela,
confesso num acreditei,
que figura era aquela,
eu cá cumigo pensei!
Um cabra de meia idade
cum ar de filicidade
falando em nome da lei

lá no parque dos coqueiro,
debaixo do meu nariz.
Inté se sentia o cheiro
daquele cabra feliz
contando as suas façanha,
enquanto ajeitava as banha
e as catôta do nariz.

Pois num era o comandante,
que amostrava o que ele fez,
todo vestido e elegante
mais parecia um burguês.
Pra ouvi suas estória
de fé pública e notória
num precisou duas vez.

Desci do meu bangalô
cum duas loura na mão
pra amenizá o calô

da minha recepção,
tombém levei cajuína,
que trouxe de Teresina,
e cachaça cum limão.

Me dá de lá um abraço,
gritei cum toda euforia
depois de acertado o passo
junto cum dona Maria,
a quem logo apresentei:
Esse é o doutô Valdez,
home de grande valia!

Cum seu ar de cavalheiro
e cum toda educação
apressou mais que lijeiro
para os aperto de mão:
_Muito prazê minha senhora,
já tava quase indo embora
pra num perdê o avião.

_Até breve, até a vista!
Nem quiz sabê da cachaça,
subiô pro motorista
do outro lado da praça
e saiu se adesculpando:
_Em breve estarei voltando
pra falá de pesca e caça.

Para um bom entendedô
só meia palavra basta!
Num presicei nem supô
o que levava na pasta,
era o seu certificado
de contadô diplomado,
cum uma obra tão vasta,

que, por unanimidade,
a praça dos ex-tressado
li conferiu qualidade
cum dploma registrado:
PHD em mentira,
doutorado em Guarabira,
em lorota de letrado.

Pra quem nunca ouviu falá:
A praça dos ex-tressado
é o mais belo dos lugá
onde pode sê achado
ex-atleta, ex-surfista,
ex-jogadô, ex-artista
só num se vê ex-viado.

Paraíso nordestino
lá no parque dos coqueiro,
onde num tem assassino,
num se paga cum dinheiro
e a mentira tem valô:
Quanto maió ela fô,
mais o cabôco é faceiro.

Pois é nesse paraíso,
que nosso grande guru,
quando num dá sumiço
nos bico de um urubu,
s'esconde nos feriado
cum outros cabra letrado
por trás dos mandacaru

pra fazê a literatura
dos livro de ficccção.
Contá cum muita fartura
usando a imaginação,
as lorota de cordel
que vira prêmio nobel
nos dia das eleição

Que nos diga o Capitão
se já viu nos sete mares:
Em rota de furacão
e até noutros lugares
por esses mares errantes,
quer no quartel de abrantas
ou pudicos lupanare...

Pelo mar ou pelos ares,
de avião ou navio,
em elegantes jantares
ou no calçãdão do Rio.
Home cum tanta cultura
que traz no cós da cintura
um passarinho cum frio,

contá de fio a pavio
tanta estória de trancoso,
aceitá os desafio
de qualqué um mentiroso,
e, sem perdê compostura,
entregá a rapadura
e saí vitorioso.

Bodas de diamante de Sisa e Margô (Meus pais)

Lá se vão sessenta anos,
mais de vinte descendentes.
Se Deus tem lá os seus planos
para cada ser vivente,
também não foi diferente
com esse casal distinto
que abrilhanta o recinto
e paga a conta pra gente.

Curtidos no sol clemente
que refresca Teresina,
aqui plantaram semente,
que inda hoje germina:
Seis varões, duas meninas,
uma turba de agregados,
que hoje são convidados
para fazer a faxina.

Cada um com sua sina,
como reza no ditado.
Se Deus do céu nos ensina
a dar despesa ao cunhado,
também não será pecado,
excluir do mandamento
a parte do juramento
que castra o homem casado.

Embora, por outro lado,
a bênção do matrimônio
seja um fato consumado
sob as barbas do demônio,
o finado Epifânio,
na nona lua de mel,
foi o cabra mais fiel
do mundo contemporâneo.

Êta! Sujeito medonho!...
É pensamento vigente.
Eu, na verdade, suponho
que somos bem diferentes:
Somos fiéis proponentes
do cinto de castidade
pra homem de toda idade,
com exceção dos parentes.

Sua atenção minha gente!
Segisnando, Margarida
e todos aqui presentes.

Eis uma lição de vida
difícil de ser seguida,
mas fácil de ser guardada:
Uma longa caminhada
nunca acaba na descida.

Não há batalha perdida
antes do golpe fatal!
Inda que falte comida
na despensa do casal,
não faltará, afinal,
as calorias do amor
que haverão de repor
a falta de capital.

Et caetera e tal...
e mais aquilo e mais isso...
Pois se amar não faz mal,
quem assume o compromisso
há de viver submisso
aos caprichos da paixão,
até entrar no caixão
e enterrar o feitiço.

Margô não perdeu o viço,
aquele viço de quando
deram conta do sumiço,
isso há sessenta anos.
Se hoje estão procurando
esse par enamorado...
Está aqui, ao meu lado:
Margarida e Segisnando.

Que inda estão no comando
iluminando a estrada
e juntos vão caminhando,
pois não têm hora marcada.
E lá se vão de mãos dadas
com sua prole querida:
Margô fazendo a comida
que Sisa acha salgada...

Sejam, pois, abençoadas
as bodas de diamante,
hoje aqui comemoradas,
neste exato instante.
Desejo ao fiel amante,
pra terminar o cordel:
Profícua lua de mel
caso o zangão se levante.

Lampi e o pitibu

O dia tava tão belo,
o sol beijava o chão,
jogando os raio amarelo
nos costado do meu cão,
me pus os pé no chinelo,
me pus na vadiação...

Minha fia numa mão,
na outra meu véio amigo,
um bichin de estimação,
farejadô de perigo,
lambedô de coração,
que veve junto comigo.

Sáimo assim de mãos dada,
brindando o sol matinal,
as flô soltando risada,
perfumava o meu quintal,
num faltava quase nada
para harmonia total.

Pusemo os pé na estrada,
nóis atrás, Lampi na frente,
Minha fia, impertigada,
sorria, mostrando os dente,
seguimos pela calçada,
pois sou home previdente.

E lá ia nós cantando...
Apreciando a paisage,
véio Lampi farejando
cada poste da cidade,
eu, comigo, chafurdando
saudades da mocidade.

Minha menina trelosa,
minha fia temporão,
cheirava mais que uma rosa,
grudada nas minha mão,
sua mão macia e mimosa,
me esquentava o coração.

Foi quando tão de repente,
feito corisco e trovão,
avistei dois par de dente
vindo em nossa direção,
ofegando um bafo quente,
que nem vento do sertão,

dois zóio, em brasa ardente,
enfeitava um cabeção
de assustá qualquer vivente,
inté mesmo Lampião,
fosse ateu, fosse crente,
ia moiá os calção:

As pata de um leão,
o couro de um tatu,
o ódio, sua munição,
uma turbina no cu,
voava feito avião
o canino pitibu;

A cabeça era um colosso,
trezentos quilos ou mais,
duzentos era só de osso,
sem contá os temporais,
num dava pra vê pescoço,
pois era grosso demais;

Os peito do cão se inchava
que nem sapo cururu,
e quando o bicho rosnava
seu grunido de urubu,
os pelo se arrupiava
que nem o mandacaru.

Só o rabo era cotó,
o resto, descomunal,
metade do mocotó
servido na água e sal,
ia matá, ele só,
toda fome nacional.

E só pra falá de fome,
desta fome assassina,
que ao pitibu deu o nome
de fome zero canina,
pois vai servir de reclame
pro new -PT- vaselina...

De volta pro nosso assunto
do cão de fúria assassina,
já me sentia um presunto,
eu e a minha menina,
mas o Lampi tava junto
da providência divina.

Avançou o cão amigo,

antecipando a batalha,
antecipando o perigo
pois os dente de navalha,
ia cortá nosso imbigio
prá levá como medalha.

Lampi partiu para a luta
como um bravo nordestino,
pegou o filho da puta
pelo nó dos intestino,
sem nem me fazê consulta
sobre o perverso canino.

Mas um pitibu de rinha
acostumado na briga,
num tem a prega rainha,
num tem pelo na barriga,
come merda com farinha
e até sua própria lumbriga,

é uma parada indigesta
prá um cão domesticado,
acostumado com festa,
comidinha de mercado,
que traz escrito na testa
o tanto que ele é amado.

O assassino ensinado,
que o seu dono representa,
já mais que acostumado
nestas batalha sangrenta,
pro mode que foi criado,
do jeito que o dono pensa,

deu um golpe traiçoeiro
e abocanhou o meu cão:
Pegou o pescoço inteiro
e uma parte do pulmão,
vi Lampi soltá o cheiro
de um defunto no caixão.

Ca fia bem protegida,
parti para luta também,
se Lampi dava sua vida,
que é tudo o que ele tem,
num vai sê causa perdida
do mal por riba do bem.

Apanhei pedra graúda
bem no meio do caminho,
alenvantei a marruda
e mirei bem no focinho:

Que padin Ciço me acuda!
Nunca me deixe sozinho!
Feito essa reza ligeira,
desfechei golpe mortal,
mas ao errar a primeira,
acertei meu animal,
que me oiô de rabeira
e alenventou meu moral:

_Vai Luiz! Era o recado
dos seus zoinho miúdo.
_Desce a pedra do outro lado,
se precisar eu te ajudo.
_Mata este bicho malvado!
Dizia um latido mudo.

Com toda raiva incontida
e um golpe mais certo,
que é a arma escondida
de qualqué um brasileiro,
acabei salvando a vida
de um amigo verdadeiro.

Peleja entre satanás e o arcanjo Gabriel

O diabo numa peleja,
com o arcanjo Gabriel,
tocou fogo no cordel
bem defronte da igreja;
Bebeu o vinho de mesa
do monsenhor, o vigário,
a quem chamou de otário,
na hora da homilia,
xingando a virgem Maria
com chulo vocabulário.

O chifrudo, salafrário,
soltando fogo na venta,
com a língua saburrienta
e seu olhar sanguinário,
recitou, pelo contrário,
o Pai-nosso e ave Maria,
maldisse a noite e o dia
que Jesus Cristo nasceu,
e, por cima, inda comeu
as hóstias da sacristia.

Na hora da eucaristia,
blasfemou suas ofensas,
sem mesmo pedir licença
à plebe que lhe assistia,

cuspiu no rumo da pia
onde fica a água benta,
fez uma cara nojenta,
de quem tem nojo de tudo
e vomitou, o chifrudo,
azedo que nem pimenta.

A golfada fedorenta
borrifou o ambiente.
Quase metade dos crentes
esqueceu a oferenda.
Deu prejuízo na renda
do banco paroquial,
que é um pecado mortal,
acima dos mandamentos:
Negar ao clero os proventos
na folha salarial.

Satanás se achando o tal,
com toda sua heresia,
enquanto o padre benzia
os lucros do capital,
começou a falar mal
do arcanjo Gabriel
e outros santos do céu,
como Antônio e Benedito,
do jeito que havia dito
nos seus versos de cordel:

Benedito é do pau oco!
Antônio, o casamenteiro,
por dez contos, em dinheiro,
ou, até, por mais um pouco,
quase ele fica louco,
ao fazer o casamento
d'uma freira de convento
com um padre beneditino.
Sob a benção do divino,
cobrou os seus dez por cento.

Profanou os juramentos
e toda consagração,
esculhambou os cristãos
também os dez mandamentos,
pois os seus ensinamentos,
conforme a sua visão,
foi plágio da lei do cão,
na versão celestial:
Os alicerces do mal
inda hoje em construção.

Gabriel ouviu calado

como todo santo faz;
Olhou para satanás
com olhar santificado.
Num martelo galopado,
como um real menestrel,
compassou o seu cordel,
de rima metrificada ;
E com a voz afinada
fez a defesa do céu:

__Te acautela satanás,
que foste anjo de luz!
No coração de Jesus
todo mundo vive em paz:
O que julga ser capaz
de ser maior do que Deus;
os gigantes filisteus,
os maus e bons corações,
os fiéis das procissões...
e até mesmo os ateus.

__Te acautela fariseu,
já que sou bom repentista,
faço dupla de artistas
Junto com Bartolomeu;
Tanto ele, quanto eu,
em qualquer um cafundel,
seja no inferno ou no céu,
paraíso ou purgatório,
não importa o auditório,
pro outro tira o chapéu.

__Vai-te para o bebeléu
com nossos versos afiados,
nossas rimas em bisel,
são dois facões amolados,
pra te deixar retalhado,
feito salame de bar.
Pois nós vamos te queimar
no inferno brasileiro,
em brasa de fogareiro,
até o fogo esfriar.

Como diz são Ribamar:
Satanás virou freguês.
E o cordel que ele fez,
é fácil de reparar,
tem uma rima vulgar
e de tão baixo calão,
que até a mãe do cão,
a megera do inferno,
mandou-lhe fazer um terno

pra primeira comunhão.

O diabo virou cristão,
um novo luciferário,
ajudante de vigário
e revisor de sermão;
Além de fazer plantão
junto da porta do céu,
parou de fazer cordel;
Hoje faz apologia
à santíssima maestria
do Arcanjo Gabriel.

Xan, o sessentão reciclável

Pelos idos de quarenta,
quase no final do ano,
o milagre da placenta
fez nascer um ser humano,
que seria no futuro,
quando homem já maduro,
um mineiro paulistano.

Como dizem los hermanos,
era um niño perfeito,
que, com o passar dos anos,
acabou ficando eleito
o Bebê Johnson mineiro;
Ganhou prêmio em dinheiro,
e uma medalha no peito.

Até a mãe do prefeito,
a sogra do deputado
e todo e qualquer sujeito
que ia ser candidato
pedia pro Seu Antão
e pra Delzo, seu irmão,
para tirar um retrato.

Seu Antão, homem pacato,
que era o pai de menino,
gastou sola de sapato
nas ruas de Ouro fino
junto com dona Mafalda
até suspender a fralda
pra dar início o ensino.

E quando tocou o sino
anunciando a escola,
o danado do menino
tava no jogo de bola,

pois com a bola no pé

era igual ao rei Pelé
e melhor do que Mazola.

Nas provas, não dava cola
nem colava de ninguém;
Tinha tudo na cachola
e no caderno, também.
Aluno tão aplicado,
que seria aprovado
se existisse o ENEM.

Até aqui tudo bem...
seguia o seu caminho,
mas uma coisa, porém,
lhe fez mudar o destino:
Foi morar no Paraná
para poder completar
o resto do seu ensino.

Aí o nosso menino,
que já era adolescente,
pegou jeitão masculino:
Bigode cobrindo o dente;
uma vasta costeleta;
calça de linho, porreta,
com bolso pra por o pente.

Alguns anos mais pra frente,
quando no colegial,
tava feliz e contente
em São Paulo, capital,
no colégio Rio branco
aonde alisou o banco
para o futuro, afinal.

Aí, saiu no jornal:
Passei no vestibular!
Fez o maior carnaval,
sentou na mesa dum bar,
tomou o maior pileque,
saiu de fogo o moleque
e se esqueceu de pagar.

Danou-se, pois, estudar
com afinco e galhardia,
até poder completar
o curso de engenharia.
Concluiu com distinção;
saiu, canudo na mão,
trabalhar na ferrovia.

Trabalhava noite e dia,
agora já no Metrô,
quando viu uma guria
e logo se apaixonou.
Moça de boa família;
também a única filha:
Já na herança pensou.

Pois é... o nosso doutor
era homem de visão.
Acreditando que amor
num abaixa a inflação,
procurou sem-cerimônia
Seu Alberto e dona Antônia
e fez a proposição:

Vim aqui pedir a mão
da Elvira em casamento.
Tenho casa em construção
e promessa de aumento.
Já comprei as alianças,
encomendei três crianças
por conta do testamento.

Depois do consentimento,
mais dois anos de noivado,
enfim, teve o casamento,
que eu não fui convidado.
Foi um festa tão rica,
que ele ainda rubrica
um monte de pré-datado.

Mas, como foi combinado
por conta do testamento,
os três filhos tão criados
cada um com seu sustento:
Na medicina, Rogério,
que tornou-se um caso sério
de fobia a casamento.

Fernando, bom elemento,
inclinação humanista,
hoje escreve um suplemento,
será grande jornalista.
Parte da roupa que veste
comprou, lá, no Timor leste
sem precisar avalista.

Denise, pedagoga,
hoje em pós-graduação,

além de ser consumista
de creme, base e loção,
vive com agenda cheia;
tá na Camargo Correia,
onde à noite faz serão.

Hoje, Xan, um sessentão,
tá fazendo aniversário.
Tá vivendo a emoção
de ficar moço ao contrário.
Já não tem mais costeleta
trocou pente por caneta
e já fez seu inventário:

Pros filhos, educação
e seu exemplo de vida;
Pra Elvira, o coração
sem uma artéria entupida.
E pra quem foi convidado,
o seu abraço apertado
e a despesa da comida.

Maria

I
Era uma moça bonita,
tinha o nome de Maria.
Moça de grande valia,
pois era filha bendita.
Também era a favorita,
tamanha sua beldade.
E mesmo sem ter vaidade,
sua beleza era tanta,
que dava nó na garganta
dos marmajos da cidade.

Vertia felicidade
ao sabor da juventude!
O pai, um sujeito rude,
capiou de meia idade,
não teve capacidade
de dar estudo à Maria.
A coitadinha vivia
de laborar na enxada,
da sua mão calejada
toda a família comia.

Mas ela não maldizia
nem reclamava da sorte!
Se punha, facão no corte,

ao pino do meio dia.
O sol a beijar Maria...
a cana a beijar o chão...
o chão a beijar a mão...
a mão a ferir a terra,
cada vez que ela erra
no manejo do facão.

No suor da solidão,
arquitetava seus planos
e, com o passar dos anos,
tomou uma decisão:
la embora do sertão
aventurar-se na vida.
Não ia ter despedida,
sairia de mansinho,
deixando pelo caminho
a sua terra querida.

II

Enfim se deu a partida,
como havia planejado!
Saiu sem deixar recado
pra não ficar comovida.
Deixava a vida sofrida,
na poeira do seu passo,
pra descansar do cansaço
sob o fio do facão.
Mas levava o coração,
embora só um pedaço.

Deixaria no melaço
os sonhos de adolescente.
A rapadura ainda quente
adoçando o espinhaço,
a pitomba dando cacho,
o milho dando pendão
e o pomo de Adão
com seu jeito traiçoeiro,
que à luz do candeeiro
fuxicou seu o coração.

III

Agora a recordação
dava lugar pra saudade,
pois estava na cidade
esperando condução.
Conseguira um ganha-pão
de ajudante de cozinha,
por conta duma vizinha,

sua primeira amizade.
Trabalhava até tarde
pois ao patrão lhe convinha.

Assim a vida caminha...
até que num belo dia,
o amor sorriu pra Maria,
com as cores da Marinha:
O comandante Sardinha,
um jovem oficial,
foi ancorar sua nau
no coração da donzela.
Num jantar à luz de vela
armou o golpe fatal...

IV

No leito nupcial,
ao receber as carícias,
Maria deu às delícias
seu tesouro virginal,
pois o amor, afinal,
chegara de supetão,
trazendo junto a paixão,
ansiosa e desmedida,
que para o resto da vida
domara seu coração.

Viveu sempre em comunhão
com seu príncipe encantado
até que o inusitado
lhe trouxe a separação.
Primeira decepção,
decepção amorosa,
matou um botão de rosa
com o seu próprio perfume.
O fel mortal do ciúme:
separação dolorosa!

V

De alma meticulosa,
depois do pranto curtido,
com o coração ferido,
ainda muito chorosa,
partiu pra luta, briosa,
sem ceder à depressão.
Tomou nova decisão:
la fazer faculdade,
coisa que tinha vontade
dês dos tempos do sertão.

Batalhou que só um cão!
Passou no vestibular
e começou estudar
o curso de nutrição.
Com muita dedicação
(aluna mui aplicada)
empreendeu a jornada
até sua conclusão.
Escolhera a profissão
pra que fora abençoada.

E danou-se, pé na estrada,
pelas estradas da vida,
agora reconhecida,
uma mulher diplomada,
proativa, respeitada...
Uma carreira brilhante!
Esquecera o comandante,
os ciúmes de Sardinha
e com jeito de rainha
deu mais passo adiante.

Sua carreira pujante
logo ganhou os jornais.
Oferta, a não querer mais,
lhe chegava a todo instante,
até que o representante
duma multinacional
aportou-lhe capital,
propondo sociedade:
os lucros pela metade
e abono salarial.

VI

Um produto natural
com reserva de mercado,
projeto financiado
por um banco oficial,
com patente especial
amplamente protegida
e produção garantida
por trinta anos ou mais,
retorno dos capitais
e toda a verba investida.

Um erva extraída
do quimbundo makaña:
Espécie de planta anã
de folhagem ressequida,
mais ou menos parecida
com esta planta vulgar

que hoje se vê fumar
em qualquer danceteria.
O produto de Maria
era "espetacular".

Assim, pôs-se a exportar
para outros continentes,
das formas mais diferentes,
dependendo do lugar.
Fosse por terra, por mar
e mesmo por avião,
escoava a produção
atingindo o mundo inteiro
dês do Rio de Janeiro
até pra lá do Japão.

VII

Uma manhã de verão
o sol beijou-lhe a cortina,
Maria viu-se menina,
pés descalço no sertão.
Entrou em reflexão
sobre sua trajetória.
Reviu toda sua história
dês que era pequenina.
Não enxergou-se heroína,
tampouco via vitória.

Olhou toda essa glória
que a nova vida lhe dera,
Maria, pensou: não era,
deu a mão à palmatória.
De forma peremptória
tomou nova decisão:
Voltaria pro sertão,
daqui nada levaria.
Hoje em dia é Maria
de nome e de coração.

Hebe é lisa, mas é forte!

Dona Amélia e seu José
tiveram três bacuri:
um home e duas muié,
todos três eu conheci.
Edina, Hebe e Horácio
num tiveram vida fácil
pra chegá inté aqui.

Eu, que vim do Piauí,
terra de doido e poeta,
de lobisomem e saci,
e outras coisa secreta,
sinto imensa alegria
em recitá poesia
pra minha sogra dileta.

E vim vestido pra festa
como manda o figurino:
um par de lentes na testa
paletó de linho fino,
gravata de seda pura
dês do gogó à cintura
mode ficá mais grãfino.

Pois o clima natalino,
de luz e papai Noel,
que alumia o destino
e as estrela do céu,
deu à luz a um poema
nascido em Ibirarema,
que hoje virou cordel:

Hebe Eliza Zatoni,
muié de fibra e tutano,
construiu seu próprio nome
nesses seus oitenta ano:
passou duas promissória
que hoje tão na história
de um judeu e um baiano.

E ainda tem um plano,
se ela e se Deus quisé,
de até o fim do ano
fazer um voto de fé:
acender duzentas vela
pro caritó de Marcela
e do seu primo, José.

Todos sabem como é
a teimosia da vó.
A promessa tá de pé,
ninguém vai pro caritó.
Pode escolher a igreja,
comprá uísque e cerveja,
e caixas de leite em pó.

“Di Jêi” sacode um o forró
pra esquentar o salão:
um arranjo em tom maió,

roque, bolero, baião...
e aquele som de cinema
que tocava em Birarema
pouco antes a sessão.

Quem se lembrá da canção
pode informá pro “Di Jei”,
que tá com o disco na mão,
se inda toca, eu num sei.
Mas se tocá, seu Miguel,
tu vai entrá pro cordel
com honraria de rei.

Peço a todos vocês,
os amigo e os parente,
um aplauso pro “Di Jei”,
que vai tocá para a gente.
E pra aniversariante
essa muié fascinante
que Deus nos deu de presente.

Mode deixá mais contente
minha sogrinha querida,
amorosa, inteligente...
que vive de bem co’a vida,
juntei padre com rabino
paulistano e nordestino
pra temperá a comida.

Como a danada é sabida
já preparei meu sermão:
—Se tu comê escondida,
um só pedaço de pão,
vai tê que passá o dia
abaixando a glicemia
e controlando a pressão.

Vai ficá sem macarrão,
sem esfiha, sem pudim,
sem caviá, sem faisão,
doce de leite e quindim...
Vai entrá no desnatado
filé de pepino assado
salpicado de alecrim.

E num pode achá ruim,
pois tá lá na prescrição:
evita pedra no rim
reumatismo, convulsão...
e de sobra , fortifica,
amacia e lubrifica
as valva do coração.

Agora , vossa atenção,
pois nesse exato momento,
como manda a tradição
descrita nos mandamento,
vamos todos dar as mãos
e fazê uma oração,
para os agradecimento:

Pai nosso que estais no céu,
foi feita a vossa vontade,
na real e no cordel,
aos oitenta de idade,
Hebe Elisa Zatoni
faz louvor ao vosso nome
com muita dignidade.

Lutou, na diversidade,
pelo pão de cada dia,
com sua irmã, na verdade,
e suas duas Marias.
Hoje vovó, mãe e sogra,
sai da Sé pra sinagoga
pra fazê filantropia.

Bendito seja esse dia,
que vai ficá na lembrança!
Muita paz , muita alegria,
comida, bebida e dança.
À minha sogra querida
desejo anos de vida
e três terços da herança.

Sexto sentido

Era cega, a velha dama!
Enxergava pelo ouvido,
pois via qualquer ruído
até dum lençol de cama.
Fosse da boca na mama,
o abrir duma braguilha,
o roçar duma forquilha,
o bulinar duma mão...
Lá se ia, em oração,
soletrando o Cê cedilha.

Rezava pela cartilha
do padre Romão Batista,
desde que perdera a vista
no chifre duma novilha.

Soletrava, em redondilha,
o missal do Padrim Ciço
e firmava compromisso
com os seus ensinamentos;
bania os maus pensamentos,
que logo dava sumiço.

E talvez por causa disso
mais aguçou os ouvidos;
alijou seus "possuídos"
e logo perdeu o viço.
—Valei-me meu padrim Ciço!
Quase sempre repetia,
quando algo acontecia
que lhe ferisse o pudor...
Assim levava o andor
como a vida lhe pedia.

Era, a Tia Maria,
-como era conhecida-
cuidava toda comida
da gente e da montaria,
trabalhando dia à dia
nas providências do lar,
mas não deixava passar
um nada, despercebido,
lá estava o seu ouvido
no ponto pra escutar.

Pois agora vou narrar
em redondilha maior.
A estória eu sei de cor,
mas careço anunciar.
Ouvi Tarcísio contar
bem antes deste cordel.
Deixo pra ele o troféu,
por ser dele a criação,
mas, pelo sim pelo não,
mando tinta no papel:

"O quarto de dona Irene
era mijo amanhecido!"
Também cheirava a libido
de mulher sem higiene.
O odor era perene,
dia e noite, noite e dia,
fazendo tia Maria
praguejar indignada,
xingando cada mijada
que dona Irene vertia.

Apesar da arrelia,
ela fazia o serviço
orando pra padrim Ciço,
como sempre ela fazia.
—Inda pego essa vadia!
Saía balbuciando...
—Se te pego, desgraçada,
te enfio no penico
te meto mijo no bico
e tolete na rabadá".

(Essa estória foi contada
por Tarcísio Zacarias)

Amigo de confraria
e das linhas mau traçadas;
Cabra de verve afiada,
poeta de muita arte
a quem eu, modéstia à parte,
pretendo interpelar,
como se pode explicar
que uma velhinha cega
ouve, aspira e enxerga
a safadeza no ar.

Os sem agá.

Erculano, sem Agá,
padeiro sem padaria
pertenceu à confraria
de antigos orixás.
Sobrinho de sataná
viveu um disse-me-disse
com uma tal Elenice,
mulher pura e delicada,
até cair da escada
antes nesmo que subisse.

Erculano e Elenice
cruzaram os seus destinos
quando os dois, inda meninos
no fulgor da meninice,
dividiam a crendice
como nos contos de fada:
o amado... a amada...
eterna felicidade...
não existia maldade...
só o amor e mais nada.

Como a vida é engraçada!
Elenice e Erculano

cada qual tinha seu plano
e sua meta traçada.
Seguiriam uma estrada
totalmente diferente:
ele vendia aguardente
num bar de periferia
e ela, na padaria,
era esposa do gerente.

Ela mãe, ele vivente!
Ela a rainha do lar;
ele cadeira de bar;
ela triste, ele contente.
Um e outro penitente
dos pecados de infância,
como a gula, a ganância,
a inveja, a traição...
e o olor da sedução,
que nunca perde a fragrância.

Nessa vida, a inconstância
sempre a pregar suas peças.
Apareceu, hora dessas,
como triste extravagância,
pedido em segunda instância,
em fase falimentar:
Valdir tinha de entregar
a contar daquele dia
todos bens... a padaria...
como imposto a pagar.

Ela pôs-se a trabalhar
e mostrar todo o talento,
que aprendera no convento
que fora o seu próprio lar.
Conjugou o verbo amar
no presente e no futuro.
Na escada de pau duro
se fazia penitente,
pois uma mulher decente
não pode passar apuro.

Abriu negócio seguro...
foi entrando o dividendo,
a poupança foi crescendo,
enquanto rendia juro.
O fiscal (homem maduro)
era o principal credor.
Por dez tostões de amor
devolveu-lhe a padaria.
Valdir chorou de alegria
e Elenice de pudor.

Cresceu, abriu um bistrô,
comprou o bar do Erculano,
que havia quase um ano
era poeta amador.
Ele se pôs a compor
Elenice em poesia,
e em qualquer freguesia
pode-se ler " Sem Agá".
Se deus quiser, oxalá,
vai ter livro em padaria.

Discurso poético para as bodas de prata de Fátima e Norberto (Domingo, dia 30/09/2012)

Peço um minuto aos amigos,
vossa atenção, por favor!
Eu vou falar de amor:
amor este bem antigo,
que nos serve de abrigo
nas intempéries da vida.
Amor esta flor garrida,
que brota em qualquer jardim.
Amor que só chega ao fim
na mente de quem olvida.

Amor que não tem medida
não tem peso, não tem cor,
não tem volume ou odor,
não tem chegada ou partida.
Amor que ninguém duvida
foi o sopro do divino,
que fez entoar o hino,
que uniu este casal,
num encontro casual
forjado pelo destino.

Norberto, grã palestrino
pê-agá-dê em hebraico;
tradutor de aramaico;
professor de mandarino,
aprendeu, com o rabino,
na leitura da Torá,
que tanto lá quanto cá,
como diz Gonçalves Dias,
há mais de mil cotovias
pra cada um sabiá.

Que seja Paulo ou Judá,
seja Jesus ou Moisés,
sejam Kasher os pastéis,

o bacalhau, vatapá...
há sempre um bom caviar
na mesa de um bom judeu,
pois quem provou e comeu
as ovas do esturjão,
faz a sesta em oração,
ainda que seja ateu.

Como disse o Conde d'Eu
a Dona Isabel Cristina
e ao povo de Teresina
mais antigo de que eu:
a prata de um jubileu,
quando é de casamento,
é feito cal e cimento
de uma obra em construção:
não fosse a circuncisão,
tinha mais um pavimento.

No ensejo do momento,
rogo ao dom da poesia:
a doura sabedoria,
a força do pensamento...
e uma réstia de talento
do concunhado Norberto,
que quando a sogra está perto
e ele quer ficar sozinho,
vai pro oásis de vinho
que construiu no deserto.

Louvo o grande arquiteto,
que fez, de Fátima, Maria:
a neonata judia
nascida no tempo certo;
um tesouro descoberto
pelos cristãos e Judeus
que, com a benção dos seus,
como reza o sacramento,
celebra, neste momento,
mais uma obra de Deus.

Qual Julieta e Romeu,
vive o casal, dia a dia,
num mar de fotografia,
que mais parece um museu.
O amor, no apogeu,
foi feito sob medida,
como o prato e a comida,
o beija-flor e a rosa,
a poesia e a prosa,
o cravo e a Margarida.

Minha cunhada querida,
pequena grande mulher,
espero, se Deus quiser,
que leves por toda a vida,
essa a paixão sem medida,
que aquece teu coração.
E mesmo que algum senão
venha roubar-te alegria,
saibas que há poesia
bem ao alcance da mão

e que o arroz e o feijão
não vêm do mesmo plantio,
mas quando a terra (no cio)
entrega-se à plantação,
não há Tales, nem Platão,
nem qualquer filosofia,
que tenha maior valia
do que sentar-se à mesa
(com uma champagne francesa)
junto à vossa companhia.

Que Deus pendure a despesa,
pois vim de bolsa vazia!